

Resumo

Este trabalho pretende conversar com adultos leitores sobre a riqueza imaginativa das crianças, riqueza muitas vezes renegada e empobrecida por práticas pedagógicas baseadas naquilo que a autora denomina “realismo estrito senso” por parte dos adultos. Associar o educar a formas e contornos dados de antemão pelo adulto “experiente”, doutrinar a criança para “enfrentar a realidade da vida”, é algo recorrente entre educadores da primeira infância, que se esqueceram, eles mesmos, da importância de brincar e de fabular em todas as idades. O texto abre portas e janelas para a capacidade para devanear do adulto educador, convidando-o a conhecer parte da obra poética noturna de Gaston Bachelard e os princípios acerca da primeira infância tais como pensados por Maurice Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Infância; imaginação; trabalho-em-processo; Gaston Bachelard; Maurice Merleau-Ponty

El imaginario infantil como trabajo en proceso

Resumen

Este trabajo pretende conversar con adultos lectores sobre la riqueza imaginativa de los niños, riqueza muchas veces negada y empobrecida por prácticas pedagógicas basadas en lo que la autora denomina “realismo en sentido estricto” por parte de los adultos. Asociar el educar a formas y contornos dados de antemano por el adulto “experimentado”, adoctrinar al niño para “enfrentar la realidad de la vida”, es algo recurrente entre educadores de la primera infancia, que se olvidaron, ellos mismos, de la importancia de jugar y de fabular e todas las edades. Este texto abre puertas y ventanas para la capacidad de soñar del adulto educador, invitándolo a conocer parte de la obra poética nocturna de Gaston Bachelard y los principios acerca de la primera infancia, tal como pensados por Maurice Merleau-Ponty.

Palabras clave: Infancia; imaginación; trabajo-en-proceso; Gaston Bachelard; Maurice Merleau-Ponty

The child's imagination as a work-in-process

Abstract:

This work proposes to engage adult readers in a dialogue about the richness of children's imagination. This richness is often denied and impoverished by pedagogical practices based on what the author refers to as adults' "strictly defined realism." Early-childhood educators tend to associate education with preconceived forms and shapes brought into existence by the "experienced adult," with the aim of indoctrinating children "to confront the reality of life." Such educators seem to have forgotten how important playing and telling stories is for people of all ages. This work opens doors and windows for the adult educator's capacity for fantasy and invention, inviting him or her to make the acquaintance of some of the nocturnal poetic oeuvre of Gaston Bachelard, as well as the early-childhood principles developed by Maurice Merleau-Ponty.

Keywords: childhood; imagination; work-in-process; Gaston Bachelard; Maurice Merleau-Ponty

O IMAGINÁRIO INFANTIL COMO TRABALHO-EM-PROCESSO

Marina Marcondes Machado

- Pensar o imaginário como processo em construção

Nada se sabe, tudo se imagina.
Frederico Fellini

*Em sua simplicidade,
a imagem não tem necessidade de um saber.
Ela é a dádiva de uma consciência ingênua.
Em sua expressão, é uma linguagem criança.*
Gaston Bachelard

Esta reflexão sobre o imaginário agora tornada texto tem como origem as experiências como formadora de professores e coordenadores pedagógicos na Educação Infantil e como professora de teatro para crianças por cerca de vinte anos. Percebi, ao longo do tempo, que muitos adultos consideram “educativo” desfazer todo e qualquer “equivoco” infantil que parta de uma vida rica de fantasia e imaginação; estou nomeando isso *realismo estrito senso* por parte do adulto, sinônimo para o ato de negatizar fenômenos da imaginação infantil. Adultos, muitos formados em Pedagogia, outros, leitores de literatura de divulgação dos conhecimentos da Psicologia e da Pedagogia, possuem a forte crença de que as crianças precisam ser educadas “com base na realidade dos fatos”, e que, se as crianças estiverem muito entretidas em brincadeiras de faz de conta, vestindo-se estranhamente (do ponto de vista do adulto) e “fazendo vozes”... isso poderia chegar a ser preocupante! Nomeio esse tipo de preocupação *intelectualização da experiência*, baseada em meus estudos da obra de Merleau-Ponty (1990a; 1990b) que tematiza a primeira infância. Para o filósofo, a criança pequena encontra-se mergulhada na “experiência pré-reflexiva”, um campo total de sensorialidades, afetos e perceptos, no qual “a criança não vive no mundo com dois polos do adulto despertado, ela habita uma zona híbrida, que é a zona da ambiguidade do onirismo” (1990a, p.232). Também Manuel Sarmiento, estudioso da Sociologia da Infância, comenta criticamente como a psicologia do desenvolvimento

conversou com o imaginário infantil:

O imaginário infantil é concebido como a expressão de um *déficit* – as crianças imaginam o mundo porque carecem de um pensamento objetivo ou porque estão imperfeitamente formados seus laços racionais com a realidade. Esta ideia de *déficit* é inerente à negatividade na definição de criança (...). (Sarmiento, 2002, p.2)

Minha discussão neste artigo parte de que esses dois aspectos da maneira de ser adulta – o realismo estrito senso e a intelectualização da experiência – são maneiras de pensar e agir que empobrecem o imaginário infantil, negativando-o; noutro polo, percorrendo a trilha do olhar antropológico, chegaremos mais perto daquilo que a criança vive, quando imagina, focalizando as culturas da infância e a percepção dela mesma, de modo a questionar a tendência adulta de negatividade daquela riqueza. Positivando a vida imaginativa da pequena infância, os mesmos adultos poderão transformar suas condutas: propiciando aquilo que o psicanalista D. W. Winnicott (1989) nomeou “um bom começo” às crianças, em termos de vida cultural. Para Winnicott, brincar, fantasiar, imaginar são atos fundantes da capacidade de criar, fazer arte, poesia, literatura, praticar uma religião, pensar filosoficamente.

Este bom começo associa-se a um tipo de aceitação adulta da maneira de ser criança:

A criança de dois, três e quatro anos está simultaneamente em dois mundos. O mundo que compartilhamos com a criança é também o mundo imaginativo da própria criança, e, por isso, a criança é capaz de vivenciá-lo intensamente. A razão disso é que não insistimos, quando estamos lidando com uma criança desta idade, em uma percepção exata do mundo externo. Os pés de uma criança não precisam ficar por todo o tempo firmemente plantados na terra. Se uma menina deseja voar nós não dizemos simplesmente “crianças não voam”. Em lugar disso, levantamos a criança no ar e a colocamos sobre o armário, de forma que ela sinta que voou como um pássaro para seu ninho. (Winnicott *apud* Davis & Wallbrigde, 1982, p.125)

- Fome de imagens

*Aos nossos olhos, a humanidade imaginante é
um além da natureza naturante.*

Gaston Bachelard

Bachelard (1998), ao lado do psicanalista Winnicott, é referência importante para discutir o que é imaginar. Ele sugere que imaginar é uma capacidade de nos libertarmos das imagens primeiras, ou seja, de “mudar de imagens” – nesse sentido, imaginar tem valor libertador: “formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade” (1998, p.18. grifo do autor). Sua concepção mais pungente acerca da imaginação encontra-se no livro *A Água e os Sonhos/ Ensaio sobre a imaginação da matéria*.

Bachelard afirma que temos uma “fome por imagens”; para ele, a imaginação material dá vida à correspondência elementar entre o homem e o mundo. Esta imaginação não possui equivalência representacional com as coisas: “as imagens são vividas, experimentadas, re-imaginadas, num ato de consciência que restitui de uma só vez sua intempestividade e sua novidade” (Simões, 1999). Trata-se de uma “adesão ao invisível” (Bachelard, 1998). É interessantíssimo o descentramento da primazia da visão proposto por Bachelard¹ na discussão filosófica acerca do imaginar, convidando-nos a escutar o mundo:

Para devolver às coisas seu valor oracular, será preciso escutá-las de perto ou de longe? Será preciso que elas nos hipnotizem ou será preciso contemplá-las? Dois grandes movimentos imaginários nascem perto dos objetos: todos os corpos da natureza produzem gigantes e anões, o rumor das ondas enche a intensidade do céu ou o interior de uma concha. São esses dois movimentos que a imaginação viva deve viver. Ela ouve apenas as vozes que se aproximam ou se afastam. Quem escuta as coisas sabe bem que elas vão falar demasiado forte ou

¹ “Deve-se, então, reconhecer que a imagem não tem seu princípio nem sua força no elemento visual. (...) deve-se integrar à imagem componentes que não se *vêem*, componentes cuja natureza não é *visual*. São precisamente os componentes pelos quais se manifestará a imaginação material.” /grifos do autor/ (Bachelard, 1998, p.125)

demasiado suavemente. É preciso empenhar-se em ouvi-las. (...) A imaginação é um sonoplasta, deve amplificar ou abafar. Depois que a imaginação se torna senhora das correspondências dinâmicas, as imagens falam realmente. (Bachelard, 1998, p.201)

O filósofo aproxima música, sonoplastia e imaginação ao modo humano de experienciar o mundo; assim, as imagens precisam ser ouvidas. Quando nos diz que “as imagens falam realmente”, remete-nos ao que Merleau-Ponty nomeia o modo não representacional da criança: a criança pequena vive o mundo, mergulhada nele – não possui distanciamento para “representá-lo”. Segundo Merleau-Ponty, “não se encontra, na criança, uma tese sobre o mundo” (1990a), e pensar que a criança é representacional em sua linguagem, desenhos, brincadeiras, foi, para ele, o grande equívoco das pesquisas tradicionais em psicologia infantil na primeira metade do século XX.

Compreender a criança pequena mergulhada neste caldo não representacional pode mudar o rumo do impulso realista do educador, levando-o bem mais perto da experiência que a criança vivencia no mundo compartilhado entre crianças e adultos. Bachelard citando D’Annunzio comenta que: “os acontecimentos mais ricos ocorrem em nós muito antes que a alma se aperceba deles. E, quando abrimos os olhos para o visível, há muito que já estávamos aderentes ao invisível” (1998, p.18). As crianças ouvem – cabe ao adulto aceitar livre trânsito entre as imagens e elas; assim, negarmos a existência do Bicho Papão é erro metodológico grave. Afirmar a inexistência do Bicho Papão é um caso crônico de realismo estrito senso por parte do adulto². Em um mundo bachelardiano, onde tudo é comestível... nada mais interessante, impactante e expressivo do que imaginar e presentificar um Bicho Papão!

Gilbert Durand (1998), estudioso de Bachelard e considerado um

² Diz Bachelard: “o realista escolhe então *sua* realidade na realidade. O historiador escolhe *sua* história na história. O poeta ordena suas impressões associando-as a uma tradição. Em sua forma correta, o complexo de cultura revive e rejuvenesce uma tradição. Em sua forma errada, o complexo de cultura é um hábito escolar de um escritor sem imaginação.” (1998, p.19)

importante continuador de sua obra, definiu o imaginário como “o conjunto de imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”. Nessa chave, não haveria como discutir a construção individual de um repertório existencial de imagens sem levar em conta a história da cultura humana bem como os contextos de vida, pensando, sempre, a criança de modo sócio-antropológico, a partir daquilo que Merleau-Ponty define *ser em situação*. A capacidade criativa das crianças estará sempre dada *em relação* a contextos e situações vividas por ela e propiciadas por adultos.

Há também outras chaves, outros caminhos; há quem mistifique a capacidade infantil para “escutar as coisas”: quantos filmes, poemas, contos e romances não tematizaram a criança como um ente próximo aos mortos, aos espíritos por vir, aberta aos fenômenos de premonição e de tudo aquilo categorizado por sobrenatural? Esta é uma das constituições imaginárias dos adultos, uma das significações da infância veiculadas no mundo compartilhado, que faz intersecção com o mundo dos produtores de cultura sobre a infância e para a infância. Os objetos da cultura³ nos falam sobre o imaginário adulto sobre “o que é bom para a criança”, e devemos dedicar grande atenção aos brinquedos, roupas, livros, gibis, comidas e bebidas fabricadas para o consumo infantil, de maneira a compreender e desenvolver um olhar crítico sobre como, para que, e em nome de quem circulam entre nós as noções de “imaginário infantil” do ponto de vista do adulto.

Aqui, nossa escolha foi procurar proximidade com a visão de infância da filosofia bachelardiana; um texto fundamental para compreendê-la é o capítulo “Os devaneios voltados para a infância” do livro *A poética do devaneio*. Neste ensaio, Bachelard nos leva para um “outro tempo”, que não é o do

³ Podemos, sim, positivar o valor dos objetos da cultura, como fez o psicanalista Roberto Graña: “Os objetos da cultura são (...) produtos refinados do exercício da criatividade no espaço potencial, que contribuem cumulativamente na sedimentação do patrimônio de realizações e experiências humanas. A experiência cultural criativa propicia uma totalização do sentimento de ser; é não só a de quem escreve como a quem emocionadamente lê, não só de quem pinta como a de quem intimamente identificado contempla, não só a de quem compõe como a de quem se deixa inebriadamente envolver pela melodia, enfim, a de quem consegue (...) preservar em si a possibilidade de surpresa, de encantamento e de ilusão.” (1991, p.92)

relógio – “tempo de horas sem relógio que ainda estão em nós” (Bachelard, 1996, p.105); para um “outro espaço”, que não o espaço mensurável por trenas, réguas e fitas métricas. Para ele, em companhia dos poetas, a infância remete à temporalidade da eternidade: “por alguns de seus traços, a infância dura a vida inteira”. Longe de ser explicada pela definição de “mecanismo mental”, a imaginação é algo que se materializa. Merleau-Ponty deu contorno a isso dizendo: “imaginar é encaminhar-se para o objeto real a fim de fazê-lo surgir aqui” (1990a, p. 229). Trata-se de “um poder de irrealizar-se fora das coisas”; evidencia-se assim a conexão entre infância e imaginação, na materialidade dos elementos da natureza e a partir da sensorialidade humana e seu caráter afetivo. Bachelard (1988, 1996) nos apresenta uma espacialidade infantil de geografia própria, desenhada com as tintas do devaneio poético e construída com a materialidade das imagens. Não se poderia, escreve o filósofo, na infância – “idade de imaginar” – dizer “como e por que se imagina”; no entanto “quando se pode dizer como se imagina, já não se imagina”. Solução para o enigma: “seria preciso, então, desamadurecer”. Respondendo ao convite, desamadureci e escrevi:

Ontem visitei um planeta muito estranho, e bem diferente do meu. Nesse planeta as crianças que brincam imaginativamente, ao falar sozinhas e vestir as roupas e sapatos de suas mães, são consideradas pacientes psiquiátricos – ou casos para exorcismo.

Pois nesse planeta o adulto vestiu tamanho realismo em sua face, mãos, pés, cabeça, tronco e membros, que a fantasia o apavora. Vestiu a carapuça: não consegue mais, nunca mais, estar nu.

Por isso a nudez da criança o afasta, e o leva a colocar luvas de borracha para lhe dar banho.

Ao voltar, eu tinha um gosto amargo na boca, e meu coração apertou.

Onde mesmo que eu moro?

Moro bem perto do limite entre faz-de-conta e realidade: moro de fato na borda, e isso é bom, quente e colorido. Moro num lugar onde falar sozinho é sempre dizer algo a alguém, em uma forma humana, brincante; também nesse lugar vestir sapatos grandes faz bem, e andar com a bolsa da mãe anuncia o que está por vir.

Voltei -- e meu coração só desapertou

*quando a filha do vizinho acenou para mim,
com um sorriso no rosto tão vivo que matou
a lembrança do planeta onde brincar é considerado loucura,
diabrura.
Foi quando no canto do olho do meu gato apareceu
o reflexo de um anjo.*

Durou bem pouco: o despertador tocou.

O texto acima procurou registrar, em linguagem poética, dois acontecimentos: o primeiro, o fato das professoras de creches públicas utilizarem, em pleno século XXI, luvas de borracha descartáveis para trocar e banhar os bebês⁴; o segundo acontecimento foi o fato de uma coordenadora pedagógica de uma Escola de Educação Infantil na cidade de São Paulo ter recebido uma mãe cuja queixa era a filha estar “vestindo suas roupas e sapatos” e “andando pela casa, falando de um jeito esquisito” – algo que, do ponto de vista da mãe, seria um caso para um psiquiatra ou exorcista. É urgente pensar e resolver o seguinte enigma: como e por que os adultos estão negando a corporalidade e a capacidade imaginativa da criança pequena?

Procuo delinear uma reflexão em uma linguagem que toque os leitores de modo não intelectualizado, em sintonia com o que Merleau-Ponty (2003) propõe como fala falante – uma fala que difere da fala falada, jornalística e objetivante, e que realiza-se na dinâmica do “dizer algo a alguém” e transformá-lo, transformando-se também, por meio da fala-resposta-silêncio do outro. Defendo a necessidade premente de que a maneira de ser adulto seja tal que positive a capacidade imaginativa da criança, a seu modo: polimorfa, onírica, não representacional (Merleau-Ponty: 1990a, 1990b). Positivar essas qualidades é deixar com que aconteça todo e qualquer fluxo imaginativo, sem noções adultas pressupostas de *formas a priori*, e, se necessário, com muito diálogo *a posteriori* – especialmente no caso da criança ser tomada por sua própria capacidade imaginativa, expressando medo,

⁴ Estava em jogo uma leitura higienista da lida com crianças e o temor adulto de passar doenças de uma criança para outra... bem como do adulto ele mesmo adoecer! Este tipo de temor mistura, me parece, a capacidade imaginativa do próprio adulto, em um sentido persecutório, e o realismo estrito senso de que os germes estão em todos os lugares... a isso os psicanalistas denominam “defesa maníaca” (Winnicott, 1978).

pavores e receios.

Há uma íntima correlação entre brincar, imaginar e fantasiar, e poder brincar muito durante a pequena infância é semear um enorme canteiro de obras para todos os processos imaginativos. Brincar livremente, e não “educativamente”: o adulto que considera necessário moldar, modelar os comportamentos imaginativos, infelizmente também direciona os rumos do brincar, imaginar e fantasiar. Muitos acreditam, por exemplo, que estão trabalhando a imaginação infantil quando oferecem desenhos animados longa-metragem para as crianças pequenas... aos quais elas devem assistir, por uma longa hora, sentadas! Outros querem montar Brinquedotecas definindo-as como “o lugar para brincar”. Fazer surgir e circular um pensamento crítico sobre todo tipo de indústria cultural voltada para as crianças é fundamental.⁵ Os educadores devem tornar-se menos ingênuos frente à indústria cultural, pois, como ensinou Merleau-Ponty, “uma cultura deveria ser vista como uma concepção de mundo que se inscreve até nos utensílios ou nas palavras mais usuais” (1990b, p.135).

- Para que serve imaginar?

A pergunta, a ser feita e lida em tom irônico, é para que se leve em conta, criticamente, o tamanho do pragmatismo adulto: lugar de onde falam, hoje, muitos cuidadores de crianças pequenas. Proponho, diante de Bachelard e ao lado da pesquisadora Sandra Richter, que os adultos educadores, individualmente, em equipe e por meio de políticas públicas, procurem trabalhar

(...) um aspecto pouco considerado, porque pouco realizado intencionalmente, na educação infantil ou ensino fundamental: *a dimensão poética do conhecer*. Dimensão sensível que caracteriza o ser humano ao encontrar sua especificidade no sentir, imaginar,

⁵ Um livro excelente para iniciar-se nisso é *Cultura infantil/ a construção corporativa da infância*, coletânea organizada por Shirley Steinberg e Joe Kincheloe.

perceber, fazer, significar, portanto ao envolver todo o sistema de afetos que organiza e redimensiona sensações corporais e nos conecta intelectualmente com os outros e com o mundo através de nossas possibilidades criadoras e inventivas. (Richter, 2007, p.1)

Se a mãe, protagonista daquele meu relato, não reconhecia o lugar do faz de conta, talvez ela possa reconectar-se ao modo de ser da filha, deixando-a brincar e ser feliz: descobrindo que gestos e palavras podem ser enxergados, cheirados, saboreados⁶. Ora, para que serve imaginar? No que concerne aos adultos, pode servir para que cada mãe, ao revisitar sua infância, toque e transforme as palavras em barquinhos de papel – dentro dos quais ela poderá, ao desamadurecer, ser protegida do mar de lágrimas de uma hipotética infância infeliz. E do ponto de vista da criança pequena, brincar, imaginar e fantasiar “servem para” viver bem, de modo a fazer circular um repertório rico, anárquico, colorido de possíveis antiestruturas: noção sociológica emprestada de Victor Turner (1974) que pressupõe a construção de uma “região da cultura” livre e experimental, espaço no qual as crianças experienciam sua corporalidade, o mundo compartilhado e a dependência aos comandos dos adultos de maneiras que só ela sabe dizer. Bachelard nos ensina que, ao lado da “função do real”, seria preciso “acrescentar uma função do irreal igualmente positiva” (1989, p.18). São essas retas, curvas, tangentes, pontos de convergências entre Bachelard, Winnicott, Sarmiento, Turner e Merleau-Ponty que adicionam novos elementos, novas regras combinatórias facilitadoras para a construção de pontes entre seus pensamentos e as concepções de infância que percebem e admitem o enorme valor do devaneio, do sonho e da brincadeira imaginativa na vida cultural de todos nós.

O chamado “princípio de realidade”, tal como emoldurado e “aplicado” pelas pedagogias, a partir de uma leitura rasa da psicanálise freudiana, empobreceu o tempo e o espaço da primeira infância. É possível, a

⁶ “O ouvido, também ele, quer nomear com flores; quer que aquilo que ouve floresça, floresça diretamente, floresça na linguagem.” (Bachelard, 1998, p.197)

partir das leituras de Bachelard, Winnicott e Merleau-Ponty, aliadas à observação das culturas da infância, tal como proposta pela Sociologia da Infância hoje, concretizar um projeto para as relações entre adultos e crianças: uma pedagogia que faça juz ao devaneio, corporeificando condutas de proximidade a uma razão imaginante. A imaginação tal como Bachelard concebe “não opera a partir do distanciamento da visão, não é contemplativa. Ao contrário, desafia a resistência e as forças concretas, num corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, numa atitude dinâmica e transformadora” (Simões, 1999).

- Imaginar é uma maneira de compreender e significar o mundo

Precisamos repensar a primazia do aspecto visual do trabalho imaginário, do ponto de vista adulto, para deixar surgir uma concepção de imaginação encarnada no corpo⁷. Isso acontecerá no dia em que os adultos suportarem melhor corpos falantes, corpos dançantes, corpos que assistem a desenhos animados não apenas sentados, corpos que conversam com o que vivem, corpos pensantes e convidativos ao fazer. O que não significa jogar fora qualquer tipo de introspecção ou contenção de energia.

Será preciso, sempre, retomar a percepção própria da criança – de si, do outro, do mundo. Merleau-Ponty (1990a) nos ajuda nisso ao comentar que a percepção do real, na criança, é uma conduta, em que a imagem “não é a coisa “interior” ou “psíquica”, mas antes, “uma convicção global”. A imaginação está explicitamente no campo afetivo e motor, ao mesmo tempo, e os sentimentos

são maneiras de visar o objeto e de dar-lhe uma quase-presença. Visa-se o objeto por movimentos, intencionalidades motoras, sem que haja necessidade de representá-lo para si efetivamente. (...) Desse modo, a afetividade pode ser definida não mais por “estados”, mas por “maneiras de visar” ou intencionalidades. (Merleau-Ponty, 1990a, p.229)

⁷ Também disse Bachelard: “A primeira convicção calorosa é um bem-estar corporal. É na carne, nos órgãos, que nascem as imagens materiais primordiais”. (1998, p. 9).

Haverá um longo percurso no campo de formação de adultos (educadores em escolas, cuidadores e pais, estudantes de Psicologia e Pedagogia) de modo que permitam que as crianças se tornem *performers* de suas existências. Minha pesquisa em teatro e fenomenologia da primeira infância rabiscou este trajeto, ao cunhar a expressão “a criança *performer*” (Autor, 2010) – inspirada diretamente naquilo a Sociologia da Infância denomina “criança ator social” e “protagonista”.

A criança *performer* é a criança cujo gesto imitativo saltou para a qualidade criativa, para dentro do âmbito do inusitado, do *nonsense*, da intensidade dos fluxos, do improvisado e da expressividade. Nessa leitura, infância, *performance* e campo imaginativo se unem em um tripé que foge do controle do adulto. Isso doa sentido para a frase “o ato de imaginação é um ato performático” (Frange, 1995). Para Lucimar Frange, o desenho, por exemplo, é feito de “experiências imaginativas em seu continuum(s)” e, “se tratarmos a imaginação como imaginativa-imaginável-imaginária, a lacuna entre educação visual e outros assuntos desfaz-se e se intercambiam imagens e imaginações” (1995, p.58). O desenho, a fala, gesto e movimento, o brincar, são maneiras de visar o mundo. Expressar-se nessas maneiras não corresponderia à realidade, “mas à expressão de um caráter e de uma atitude” (Merleau-Ponty, 1990a, p.222). Podemos afirmar então que a criança, quando imagina, expressa seu modo de ser e estar no mundo, e permitir que isso aconteça livremente é permitir a experiência de si mesmo. A criança pequena vive a realidade de tal modo que

(...) o “real” para as crianças é o efeito de segmentação, transposição e recriação feita no ato de interpretação de acontecimentos e situações. O que torna a vida uma aventura continuamente reinvestida de possibilidade. (Sarmiento, 2002, p.13)

Nada mais rico do que viver a vida imaginativa como uma das formas de ler o mundo compartilhado. Permitir às crianças esta leitura, dialogar com ela, é apresentar-se, como concebe Winnicott (1989), um adulto “suficientemente bom”: concomitantemente perto e longe, nem ausente, a

ponto de causar uma sensação de não pertença ou abandono, nem excessivamente presente, o que estragaria o momento de descoberta e autonomia; perto o suficiente para ser percebido pela criança, longe o suficiente para deixá-la ser o que ela é. Sabedoria, como diz Barthes (1985), “desses nativos amáveis, que mostram bem o caminho a você, sem no entanto se oferecerem para acompanhá-lo”.

Referências Bibliográficas

- AUTOR. “A criança é *performer*”. In Educação & Realidade, v.35, n.2. Maio/Agosto 2010. P. 115-137.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos / Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editores, 1985.
- DAVIS, Madaleine & WALLBRIDGE, David. **Limite e Espaço**. Uma introdução à obra de D.W.Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Por que se esconde a violeta?** São Paulo: Anablume, 1995.
- GRAÑA, Roberto & OUTEIRAL, José. **Donald W. Winnicott/ estudos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne/Resumo de cursos: Filosofia e Linguagem**. Campinas: Papirus, 1990a.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne/Resumo de cursos: Psicossociologia e Filosofia**. Campinas: Papirus, 1990b.
- RICHTER, Sandra Regina S. “Infância e Materialidade: uma abordagem bachelandiana”. Comunicação no GT7/ Anped 2007. Endereço eletrônico:
www.anped.org.br/reunioes/25/sandrasimonisrichter07.rtf
Acesso em 14/11/2010.
- SARMENTO, Manuel. “Imaginário e Culturas da Infância”. Texto produzido em 2002 para o Projeto “As Marcas dos Tempos: a Interculturalidade nas Culturas da Infância”. Endereço eletrônico:
http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/ImaCultInfancia.pdf
Acesso em 10/12/2010.
- SIMÕES, Reinério Luiz M. “Imaginação Material Segundo Gaston Bachelard”.

- Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1999.
- STEINBERG, Shirley & KINCHELOE, Joe. **Cultura infantil/** a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- TURNER, Victor. **O Processo ritual.** Estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
- WINNICOTT, Donald W. **Textos selecionados/** da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- WINNICOTT, Donald W. **Playing and Reality.** Nova Iorque: Tavistock/Routledge, 1989.

Recebido em: 16/09/2010
Aprovado em: 02/12/2010